



Memória e diferença: a construção de identidade homossexual em uma pessoa com cegueira¹

Memory and Difference: homosexual identity construction in a person with blindness

Luciano de Pontes Paixão²

Francisco Ramos de Farias³

RESUMO

Este artigo investigou por meio de pesquisa qualitativa, caracterizada como um estudo de caso, a construção de identidade homossexual em uma pessoa com cegueira. Percebemos que esse processo identitário é complexo, dinâmico, composto por uma série de fatores importantes, marcado por um duplo preconceito e experimentado por outros sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Deficiência Visual. Identities. Memória. Diferença.

ABSTRACT

This article investigated by means of qualitative research, characterized as a case study, the homosexual identity construction in a person with blindness. We observed that this identity process is complex, dynamic, composed of a series of important factors, marked by a double prejudice and experienced by other senses.

KEYWORDS: Homosexuality. Visual Impairment. Identities. Memory. Difference.

A construção de identidades transforma-se em um tema social relevante nos dias atuais. No entanto, no meio acadêmico, ainda há uma carência de estudos sobre como ocorre o processo de construção de identidade homossexual em uma pessoa com cegueira total⁴.

¹ Este artigo foi apresentado como trabalho de conclusão da disciplina *Memória e Diferença*, ministrada pelos professores: Dr. Ricardo Salztrager e Dr^a Sofia Débora Levy do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

² Graduado em História e Especialista em Educação. Mestre em Memória Social formado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: lu.historiador@gmail.com.

³ Doutor em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Consultor Ad Hoc da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: frfarias@uol.com.br.

⁴ As pessoas com deficiência visual podem ser classificadas em duas categorias: o cego total e o baixa visão, sendo considerado o cego total aquele indivíduo que possui a perda total da visão até a ausência

Caderno Espaço Feminino | Uberlândia, MG | v.31 | n.2 | seer.ufu.br/index.php/neguem | jul./dez. 2018 | ISSN 1981-3082 202

Considerando que a construção da identidade homossexual é um processo único em cada pessoa, torna-se pertinente investigar o universo subjetivo de um indivíduo, ou seja, ter acesso aos seus sentimentos, crenças, valores, atitudes, dificuldades e sofrimentos; descobrir sua relação com a própria sexualidade; entender o modo como ele percebe a si próprio e os demais; e quais as suas perspectivas em relação ao futuro.

E ao abordar a homossexualidade masculina de uma pessoa cega, torna-se relevante abordar quatro questões: 1) O cego, no senso comum, é interpretado por uma parcela da sociedade, e até por algumas famílias, como incapaz, dependente e assexuado (BRUNS, 2000); 2) Algumas pesquisas afirmam que 80% das informações acerca do mundo externo chegam a nós através da visão (KASTRUP, 2010); 3) Vivemos em um mundo onde o visual torna-se predominante e supervalorizado; 4) Para uma parcela de gays, o visual, o material e o estereotipado são elementos importantes para o convívio social. Características como corpos malhados e magros, roupas de grife e uma boa aparência são fundamentais para uma possível aproximação, paqueras ou envolvimento íntimo.

Convém registrar que a identidade não é algo natural, mas sim uma construção social com um caráter dinâmico em constante transformação, com muitos atravessamentos com outras identidades. Posta assim a questão, é de se dizer que a construção de identidade é um processo extremamente complexo, que envolve estigmas, preconceitos, sentimentos, sofrimentos, desafios, subjetividades e que está inevitavelmente associada às relações de poder. As identidades que estão fora do padrão normativo estabelecido pela sociedade não são simplesmente vítimas das relações de poder, mas também são produzidas nessas relações.

Registramos, ainda, que, ao relatar a própria história de vida e suas subjetividades através de memórias individuais, a pessoa torna-se autora da própria história. Sendo assim, decidimos investigar por meio de pesquisa qualitativa, caracterizada como um estudo de caso, e com o uso de entrevista semiestruturada e de gravador de áudio de um aparelho celular para a coleta

de dados, as seguintes questões: Como ocorre o processo de construção de identidade homossexual em uma pessoa com cegueira e como é viver a homossexualidade em mundo predominantemente visual usando outros sentidos? Quais as outras identidades? Quais as estratégias utilizadas diante de desafios e preconceitos, em uma sociedade que considera a cegueira uma incapacidade e a heterossexualidade como a única forma de expressão sexual?

Inadequado seria esquecer que para a realização deste estudo precisamos ter conhecimento sobre alguns assuntos: a realidade das pessoas com cegueira, levando em consideração sua inserção em um mundo hegemonicamente pautado em parâmetros visuais, o aparato sensorial dos videntes⁵ e dos cegos, a sexualidade de cegos; alguns aspectos sobre a construção da identidade homossexual masculina e a sua relação com diferença, estigmas e modelos conceituais que tratam a respeito desse processo identitário; as relações entre poder, resistência e memória.

2. O mundo visual e a deficiência visual

As imagens adquiriram uma grande importância na vida de grande parte da população mundial. Elas estão por todos os lados em nosso cotidiano buscando atrair nossos olhares para informar, persuadir e influenciar comportamentos. Estamos inseridos em uma sociedade na qual os recursos visuais predominam, sendo as informações transmitidas com muita intensidade através do sentido da visão.

Nesse sentido, Debord (1997) apresentou o significado de espetáculo como um conjunto das relações sociais mediadas pelas imagens. A sociedade do espetáculo se insere em um período peculiar da sociedade capitalista, quando há uma ligação mútua entre o acúmulo de capital e o acúmulo de imagens. A produção de imagens, segundo o autor, é utilizada como um instrumento de poder e de dominação social.

Nesse contexto, TÜRCKE (2010) defende que a sociedade moderna tornou-se uma “sociedade da sensação” atravessada por estímulos cada vez

⁵ Entre outros significados, vidente significa aquele indivíduo que vê, que pode fazer uso da vista.

Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

mais fortes e por uma sensação viciante de meios visuais. Para TÜRCKE, a sociedade está dominada pela mídia e pelo capitalismo estético. O excesso de informações oferecido vinte e quatro horas por dia torna o cotidiano incapaz de ser sentido ou ser percebido, afetando o aparato sensorial saturado dos contemporâneos.

O aparato sensorial do ser humano considerado “normal” é aquele que dispõe dos cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar. Segundo Sacks (1995), possuímos desde o nascimento a totalidade dos sentidos e, fazendo correlações entre eles, criamos um mundo visível, um mundo de objetos, conceitos e sentidos visuais. Quando abrimos os olhos todas as manhãs, observamos um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não nos é dado: fabricamos desde o nascimento nosso mundo com o uso da experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes.

De acordo com Kastrup (2010), a visão assume o estatuto da centralidade, exercendo a função de controle dos demais sentidos. Isso acontece porque a visão concentra as sensações trazidas pelos outros sentidos, estruturando-as. Logo, nas pessoas que enxergam, a visão costuma dominar e submeter os demais sentidos, tornando-os acessórios ou coadjuvantes. Barbaras (2005) afirma que a visão tem um poder ontológico sem equivalente uma vez que ela constitui e permite o verdadeiro acesso ao um mundo real.

Por outro lado, a perda da visão exige adaptações visto que as informações chegam através de outros sentidos, como a audição, o tato, o olfato, a gustação, o sistema cinestésico — responsável pela orientação espacial, movimento e equilíbrio — com infinitas possibilidades de conhecimento do mundo. Esse processo não acontece de forma automática, como uma substituição de um sentido pelo outro; na verdade, é um processo de aprendizagem como outro qualquer (NUNES e LOMÔNACO, 2008). Sobre esse assunto, Kastrup (2010, p. 95 e 96) esclarece:

A perda da visão pode assumir a extensão de uma experiência de perda generalizada e o sentimento de que tudo foi perdido, a alegria, o trabalho, a dignidade e a autonomia, enfim, seu lugar no mundo. Por isto mesmo, envolve um longo processo de aprendizagem e de profunda reinvenção cognitiva e existencial. Surgem inúmeras dificuldades de ordem prática, mesmo para a realização de tarefas aparentemente muito simples e que habitualmente realizamos de

modo automático, como caminhar na rua. Por isto, a perda da visão requer um forte investimento da atenção na vida cotidiana.

A autora ainda acrescenta que existe uma longa discussão sobre a crença de que o cego tem uma ótima audição ou um tato privilegiado e pontua que tais performances não resultam de dom divino, nem de uma compensação neurofisiológica, mas que a tal “compensação” depende de uma laboriosa construção.

A falta da visão não impede a pessoa de ter acesso ao conhecimento sobre o mundo, mas impõe caminhos diferenciados uma vez que o acesso a informações depende de uma organização sensorial diferente da pessoa com visão normal. As observações de Kastrup (2010, p. 102 e 103) são fundamentais para entender essa questão:

Enquanto a visão dá lugar a uma percepção distal e global da cena, o tato fornece um conhecimento por partes, isto é, menos estruturado. Nesta medida, contrasta com a instantaneidade da visão. É uma percepção que não é gestáltica, mas se faz aos pedaços, por sensações sucessivas que são aos poucos sintetizadas, mobilizando para isto o esforço da atenção e a memória de trabalho. A exploração tátil é mais lenta, pois os movimentos são efetuados sucessivamente. A visão pode perceber a forma, o tamanho e a cor dos objetos em fração de segundos, sem o recurso a movimentos de exploração mais específicos, embora haja exploração com os olhos. Após um processo de aprendizagem, o reconhecimento tátil pode se tornar rápido e automático nos cegos [...].

O tato é importante para o cego, pois ele vê com as mãos. Bruns (2008) destaca que as pessoas com deficiência visual precisam tocar os objetos e, simultaneamente, ouvir os seus respectivos nomes, para compreenderem melhor a relação entre objetos e conceitos.

A falta de experiência concreta pode gerar conceitos irrealistas, que são chamados de verbalismos, em outros termos, a fala repetida baseada em palavras e expressões de conteúdo puramente visual, destituídas de significado para o cego. O tato também é fundamental para o conhecimento do próprio corpo e do corpo do outro, para construir a autoimagem e a própria identidade e para despertar o desejo de busca de outras pessoas e objetos (BRASIL, 2001).

Sem dúvida, os cegos vivem sob o império das imagens. Mesmo sem a visão, a referência ao mundo visual está sempre presente. Diante disso, a

cegueira torna-se, às vezes, para algumas pessoas, uma condição de inferioridade, de piedade e contrária à sexualidade humana.

2.1 Sexualidade de cegos

A discriminação e o preconceito associados à sexualidade das pessoas com deficiência são frutos de uma longa história de exclusão social e de falta de informação. Esses valores sociais, embora ultrapassados, continuam no imaginário coletivo, impregnados com piedade ou rejeição (BRASIL, 2009).

Em se tratando de temas como sexualidade e cegueira, Bruns (2008) assinala que as famílias e a sociedade não percebem que a sexualidade faz parte da vida do cego. Isso gera nas pessoas com deficiência visual uma lacuna sobre sua sexualidade, pois o tema não é abordado em casa. Considerando que é complexo para os jovens sem deficiência vivenciarem sua sexualidade, acredita-se que para os cegos a descoberta da sexualidade seja mais complicada, intercalada por questionamentos e respostas insuficientes. Além disso, é preciso ter em mente que a cultura sexual de massa é quase que restrita a estímulos visuais, isto é, nos livros, nas revistas, nos filmes, nas novelas, o nu e o erótico são apresentados visualmente. A par disso, Lebedeff (1994) concorda que, devido à falta de materiais informativos adaptados para o cego, relacionados à educação sexual, o conhecimento do corpo do outro para as pessoas com deficiência visual é, algumas vezes, um mistério que só será desvendado com a experiência sexual.

Entretanto, essa realidade não é vivenciada por todos os deficientes. Cabe lembrar que, nas últimas décadas, um movimento social e político no Brasil, composto por pais e membros que possuem pessoas com deficiência na família e militantes deficientes, tem exercido pressão no poder público para cobrar a legitimação de suas reivindicações e respostas efetivas à violação de direitos em geral, juntamente com solicitação de ampliação de discussões de temas, como educação, saúde, acessibilidade, inclusão, diversidade e sexualidade. Marcon (2012) menciona que, com uma maior participação política, o movimento busca, por meio de políticas públicas, em relação às pessoas com deficiência, o reconhecimento como sujeitos sexuais, o alerta à

sociedade, à ciência e ao governo para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), a proteção contra abusos sexuais e a conscientização de todos da sociedade para a vulnerabilidade, quando essas pessoas estão invisíveis nas políticas públicas.

Convém salientar que em 2009 aconteceu o *I Seminário Nacional de Saúde: Direitos Sexuais e Reprodutivos de Pessoas com Deficiência*, em Brasília, organizado pelo Ministério da Saúde em parceria com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) em torno dos temas Direitos Sexuais e Reprodutivos, com a participação de vários ativistas do Movimento Social e Político de Pessoas com Deficiência. O seminário surgiu a partir de uma “demanda das pessoas com deficiência no que se refere às questões de Direitos Sexuais e Reprodutivos, Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva” (BRASIL, 2009, p. 09). O evento rendeu, como desdobramento, uma publicação em que apresenta referenciais norteadores de políticas públicas que proporcionem a vivência da sexualidade e aos direitos reprodutivos das pessoas com deficiência. A publicação tem, ainda, como objetivo, oferecer visibilidade ao tema, levando em conta às questões de gênero, tipos de deficiências, orientação sexual e vulnerabilidade (BRASIL, 2010). O fenômeno da invisibilidade é um dos elementos prejudiciais à vulnerabilidade das pessoas com deficiência, porque produz uma sólida barreira impedindo que os direitos sejam reconhecidos e, por sua vez, também as necessidades, habilidades e potenciais.

É preciso reconhecer que a sexualidade é um componente fundamental e inerente à condição humana e que não significa apenas fazer sexo. Na verdade, a sexualidade engloba vários elementos importantes de todo ser humano, independentemente de ter deficiência ou não. Como, por exemplo: entendimento do próprio corpo, autoestima, cidadania, valores, atitudes, expressividade, sentimentos, afetividade, gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo e fantasias. Em razão disso, França (2013, p. 91) conclui que ao conceber as pessoas com deficiência “como assexuadas significa admitir que estas pessoas são destituídas de sentimentos, de desejos, incapazes de amar e de constituir família”, o que não condiz com a realidade.

As pessoas com deficiência são sujeitos que sentem desejos sexuais como qualquer outra pessoa sem deficiência. Portanto, não é possível tratar a sexualidade delas com distinção. Contudo, é importante discutir algumas particularidades e desafios encontrados pelas pessoas com deficiência, como, por exemplo, estigma e preconceito. No caso da cegueira, Santos (1999) *apud* Filgueiras (2010) sustenta a tese de que o período da puberdade nos cegos, e de forma semelhante nos adolescentes videntes, é vivenciado com muitas dúvidas sobre as mudanças corporais, com o surgimento de novos desejos e dúvidas sobre a própria identidade, com a diferença de que nos cegos não há a visão do corpo transformado, apenas a sensação. Ademais, a paquera à distância fica comprometida para o cego. Diante dessa realidade, Evans e Lee (1992) *apud* Bruns (2008) argumentam que a aproximação e o diálogo direto substituem o que seria desenvolvido pelos aspectos visuais, como um olhar, um sorriso. Dessa forma, ele precisa confiar em detalhes que são mais concretos, como toques e palavras.

O estigma e o preconceito são elementos que estão presentes na vida de algumas pessoas com deficiência visual. No imaginário coletivo, os cegos são interpretados como assexuados, desinteressantes, incapazes, pouco atraentes, infantis e são atribuídos a eles outras deficiências, como a surdez e o retardo mental. Todas essas interpretações geram um estigma na vida de algumas pessoas com deficiência visual. Silva (2006, p. 427) relata que o estigma, “por ser uma marca, um rótulo, é o que mais evidencia, possibilitando a identificação. Quando passamos a reconhecer alguém pelo rótulo, o relacionamento passa a ser com este, não com o indivíduo”. Silva (2006, p. 426) ainda complementa que o “preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade”. Esse destacamento é definido por Amaral (1998, p. 16-17) da seguinte forma: “generalização indevida” refere-se à transformação da totalidade da pessoa com deficiência na própria condição de deficiência, na ineficiência global, em outras palavras, como se tudo na vida do cego se reduzisse à deficiência visual.

A desvantagem social atribuída aos estigmatizados pela deficiência visual configura-se num grande obstáculo à vida social. Esse obstáculo é marcante na vida de homossexuais.

3. Identidade homossexual masculina

Ao contrário do que muitos acreditam, a identidade não é unificada, mas sim fragmentada, e faz parte de um processo que nunca está completo; na verdade, ela está sempre em constante transformação.

Sob tal enfoque, Hall (2015) nos chama a atenção para o fato de que as antigas identidades bem definidas e unificadas, que sustentavam o tecido social, estão sofrendo uma transformação desde o final do século XX devido ao surgimento de novas identidades e da fragmentação das antigas identidades, desfazendo as bases sólidas que unificavam as pessoas. Hall (2015, p. 10) ilustra a questão, ao afirmar que,

Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Dessa maneira, surge o indivíduo pós-moderno sem uma identidade definitiva, imerso em processos em constante transformação. Nesse ponto, podemos citar a identidade homossexual que se encontra cada vez mais fragmentada pelas múltiplas possibilidades de representações e identificações. E para entender especificamente a construção dessa identidade, se faz importante abordar conceitos como diferenças, poder e modelos conceituais que abordam a identidade de *gays*.

As identidades são construídas por meio da marcação da diferença. Em realidade, essa delimitação é realizada tanto por meios simbólicos de representação como também por meio de formas de exclusão. Nesse aspecto,

concordamos com Woodward (2014, p. 42) quando escreve que “às formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições”.

O poder de definição de uma identidade possibilita, ao mesmo tempo, marcar a diferença e estabelecer delimitações, elementos esses relacionados com as relações de poder. Na concepção de Silva (2014, p. 81), “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. O autor entende que onde há diferenciação há também o poder e uma série de mecanismos que traduzem essa diferenciação com o intuito de delimitar e produzir fronteiras reais, tais como: “incluir/excluir (‘estes pertencem, aqueles não’); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons e maus’); ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’; normalizar (‘nós somos normais, eles são anormais’)” (SILVA, 2014, p. 81 e 82).

Essa diferenciação é importante para os aparelhos ideológicos. Estes estabeleceram regras ou padrões considerados normais com o objetivo de separar as pessoas que não se enquadram nesse jogo social, rotulando-as como “anormais” e, conseqüentemente, estigmatizando-as.

Para alguns autores, os estigmas sociais permeiam, influenciam e estão presentes nas construções de identidades. Representando essas ideias, Cass (1979), Coleman (1982), Troiden (1984) e Weeks (2016) explicam a construção da identidade em modelos conceituais relevantes nas vidas de pessoas homossexuais. No geral, os modelos oferecidos por esses autores apresentam as seguintes semelhanças e diferenças: defendem que a construção da identidade homossexual ocorre em um contexto de estigma social, concedem um valor significativo à “saída do armário”⁶ como um elemento importante na construção e na forma de expressão da identidade e diferem quanto ao número de estágios e do tipo de abordagem.

⁶ Tradução de *Coming out of the closet* que significa assumir socialmente a homossexualidade.

Para ilustrar, apresentamos o modelo conceitual de Weeks (2016, p. 71), que, a partir de seus estudos, identificou quatro estágios característicos na construção de uma “identidade pessoal estigmatizada”.

(I) sensibilização: o indivíduo torna-se consciente, através de uma série de encontros, da diferença dele ou dela em relação à norma, por exemplo, por ser rotulado por seus pares como “maricas” (o menino) ou “Joãozinho” (a menina);

(II) significação: o indivíduo começa a atribuir sentido a essas diferenças, na medida em que ele ou ela se torna consciente da gama de possibilidades no mundo social;

(III) subculturização: o estágio de reconhecimento de si mesmo, através do envolvimento com os outros, por exemplo, através dos primeiros contatos sexuais;

(IV) estabilização: o estágio da completa aceitação de seus sentimentos e estilo de vida, como, por exemplo, através do envolvimento numa subcultura que seja capaz de dar apoio a pessoas com a mesma inclinação.

Certamente, os modelos conceituais dos autores citados, anteriormente, apresentam alguma precisão a respeito da construção da identidade homossexual. Todavia, os estágios dos modelos mostram-se de uma forma categórica, determinista e delimitada sem levar em consideração outros fatores importantes na construção da identidade homossexual. Os modelos conceituais sugerem, ainda, que os sujeitos que abandonassem ou não vivenciassem cada etapa não seriam considerados homossexuais completos. Sabemos que há casos de famílias que aceitam seus filhos homossexuais, não havendo, portanto, a necessidade de sair do armário, enquanto outros *gays* optam em toda a sua vida em não assumir socialmente a própria orientação sexual e até, às vezes, rejeitar os próprios desejos. Por isso, os modelos conceituais não devem ser considerados como universais como se os estágios acontecessem da mesma forma na vida de todos os homossexuais.

4. Poder, resistência e memória

A construção de identidade e a sexualidade não são separadas das relações de poder. Como bem argumentou Foucault (1988), a sexualidade é uma produção histórica, social e cultural, e os saberes relacionados às

sexualidades são construídos por aparelhos ideológicos em forma de discursos. Estes produzem e reproduzem o que é legítimo e verdadeiro sobre o sexo colaborando para o bom funcionamento das relações de poder e, de modo simultâneo, buscam disciplinar as pessoas.

Com isso, percebemos que o poder é produtor: produz subjetividades, modos de agir, de pensar, de se comportar, de desejar, de lembrar e esquecer. A abordagem de Foucault (1996, p. 161) ajuda-nos a entender isso,

temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.

O autor conta com detalhes que o conceito de homossexualidade foi uma invenção do século XIX importante para os processos sociais de regulação e normalização. Além desse fator, o estigma leva a estado consciente e permanente de “autovigília” que assegura o funcionamento do poder, pois a pessoa é diariamente vigiada pelo Panóptico (o olho que tudo vê) e controlada por um poder disciplinador resultado de uma sociedade heteronormativa⁷.

Para reverter essa situação, a pessoa resiste de variadas formas contra as verdades legitimadas. Foucault (1988) constata que onde há poder, há também resistência. Para ele, a resistência, ou melhor, a multiplicidade de pontos de resistência seria como algo constituinte ou uma característica ao poder. Foucault (1979) ainda aponta que estamos emaranhados em uma malha de micropoderes e que não é possível permanecer fora das relações de poder. Então, procuramos executar mudanças no posicionamento das situações de acordo com os nossos interesses em determinados momentos. Por esse motivo, a resistência também pode ser considerada como uma produção de subjetividades, de práticas de si e de memória.

Fundamentando-se nas ideias foucaultianas, Gondar (2003) propõe o conceito de que subjetividade é sinônimo de construção de memória e que esta pode ser um instrumento de poder. A maneira de resistir ao assujeitamento

⁷ O inglês Jeremy Bentham gerou pela primeira vez a ideia do Panóptico, ou seja, um conjunto de dispositivos que permitia uma vigilância e um controle social eficaz (FOUCAULT, 1996).
Caderno Espaço Feminino | Uberlândia, MG | v.31 | n.2 | seer.ufu.br/index.php/neguem | jul./dez. 2018 | ISSN 1981-3082 213

seria a criação de uma contra-memória. Esta nasceria como um modo de desfazer as artimanhas do poder. Com essa perspectiva, as pessoas agiriam de forma singular, criando processos de subjetivação que vão contra regras normativas. Oportuno lembrarmos que Hardt e Negri (2010) mostraram também a importância da criação de práticas de resistência como capazes de mudar as relações de poder.

Diante desses dados, percebemos que as histórias de vida e a narração de subjetividades podem ser consideradas formas de resistência. Uma pessoa ao narrar suas memórias torna-se autora de sua própria história, legítima sua fala e vai contra o que está naturalizado ou legitimado há muito tempo. Pollak (1989) acredita que as histórias de vida podem ser vistas como instrumentos de reconstrução de identidade, e não apenas como fatos factuais. Com essa reconstrução de si, o sujeito tende a definir seu lugar social e suas relações com os demais. Assim, Pollak (1992) reconhece a memória como um elemento constituinte do sentimento de identidade uma vez que ela é também um fator fundamental do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo.

5. Metodologia

A metodologia qualitativa no campo da pesquisa social, neste artigo, pode ser caracterizada como um estudo de caso. Com base nas leituras de Gil (2008, p. 57 e 58), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”.

A pesquisa foi iniciada a partir da escolha do sujeito a ser investigado. Uma pessoa com cegueira total, com pouca memória visual e homossexual. Em seguida, estabelecemos o contato com ela visando apresentar a proposta e objetivo do artigo. Após o seu aceite, o dia e o horário foram agendados de acordo com sua disponibilidade para a coleta de informações.

Para isso, utilizamos uma entrevista semiestruturada. Manzini (1990/1991) enfatiza que esse tipo de entrevista é focalizado em alguns temas sobre os quais fabricamos um roteiro com perguntas pré-formuladas,

complementadas por outras perguntas que aparecem no decorrer da entrevista. Os estudos de Triviños (1987) reforçam a ideia de que a entrevista semiestruturada contribui não só para a descrição dos fenômenos sociais, mas também para a compreensão em sua totalidade. Levando em consideração essas informações, a entrevista teve duração de três horas e buscou identificar dados subjetivos com base na realidade vivenciada pelo sujeito da pesquisa: sentimentos, crenças, opiniões, valores, maneiras de atuar, dificuldades, sofrimentos e projeções para o futuro. Ela foi estruturada em três eixos temáticos: Mundo Visual e a Deficiência Visual; Identidade Homossexual Masculina; Poder, Resistência e Memória. É importante ressaltar que a verdadeira identidade do entrevistado foi preservada pelo uso de um nome fictício.

A entrevista semiestruturada foi realizada de forma conjugada com outro meio de pesquisa, o gravador de som de um aparelho de celular. A utilização desse meio justifica-se, conforme Zago (2003, p. 299), por possibilitar o “acesso a um material mais completo do que as anotações podem oferecer e ainda por permitir novamente escutar as entrevistas, reexaminando seu conteúdo”. A gravação foi realizada com autorização do entrevistado. A transcrição das falas foi realizada pelo pesquisador respeitando com fidedignidade o vocabulário utilizado pelo participante da pesquisa. Das narrativas foram selecionadas trechos para a análise.

6. Resultados

Rafael tem 31 anos, nasceu no Rio de Janeiro e tem Ensino Médio Técnico.

Calmo e com uma voz suave, Rafael relatou que sua infância foi tranquila e que aproveitou tudo o que uma criança podia fazer. No entanto, sua vida mudou completamente aos 12 anos. Ele perdeu a visão de um olho em dois dias, e a outra em um mês, porque foi vítima de atrofia do nervo

óptico, doença que leva à desconexão das ligações nervosas que unem os olhos ao cérebro⁸.

Rafael: *“Eu acreditava que minha situação seria revertida. Foi um período conflituoso e muito complicado porque eu também estava passando por uma transição de criança para adolescente. Não sabia como lidar com minha cegueira. Saber que eu seria diferente das outras pessoas, que deixaria de ver os rostos das pessoas, as cores de que tanto gostava. Saber que teria dificuldade para andar sozinho pelas ruas. Tive sentimentos de revolta, angústia e tristeza. Tive que me refazer diariamente”*.

O sujeito da pesquisa narrou que no período da puberdade sentiu seu corpo se transformando, que tinha muitas dúvidas em relação a isso e que depois de ficar cego, surgiu uma superproteção da família, principalmente da avó. Ele era influenciado a não fazer coisas que gostava e a desistir de tarefas que sabia fazer. Diante disso, seu mundo ficou restrito, em certo período da adolescência, ao círculo familiar. Ele perdeu a confiança em si próprio e passou a temer o futuro.

Rafael: *“Eu percebia que minha família tinha pena e vergonha de mim por ser deficiente visual”*.

Pesquisador: *“Como é ser cego em mundo tão visual?”*

Rafael: *“É muito difícil. É um desafio. Principalmente andar sozinho nas ruas com tantos obstáculos e com o excesso de barulho. Com muito barulho o cego fica surdo também, perde a orientação e a concentração. Tudo é baseado na visão. É muito preconceito. Acham que nós somos também surdos e doentes mentais. As pessoas acham que não sou capaz de fazer as coisas. Querem até me ensinar a sentar na poltrona do ônibus. Já me perguntaram se eu faço sexo. É um absurdo. Eu me revolto mais com as pessoas que acham que todas as minhas características se resumem à deficiência visual”*.

⁸ Segundo especialistas, é muito curto o tempo de evolução entre o momento saudável dos olhos e a perda total da visão quando se desenvolve um processo de atrofia do nervo óptico. Quando chega ao ponto de atrofia, o nervo óptico não transmite os sinais luminosos para o cérebro montar a imagem. Fonte: <http://opticanet.com.br/secao/saude/3585/atrofia-do-nervo-optico-deve-ter-diagnostico-precoce> Acesso em: 04/06/2018.

O entrevistado aceitou a nova realidade, as suas limitações e teve que aprender a lidar com as novas situações e a desenvolver os outros sentidos. Aprendeu o Sistema Braille aos 13 anos⁹. Diz que é vaidoso, que se preocupa com a própria imagem e acrescenta que *“apesar de não enxergar, gosta de estar bem arrumado e com uma boa aparência, porque isso é importante para chamar a atenção de outros homens”*. Geralmente ele vai com outra pessoa para comprar roupas, por causa de sua limitação, e escolhe sozinho suas vestimentas porque tem seu estilo próprio. Afirma que procura combinar e memorizar os tipos de roupas para sair de casa por meio de pequenos detalhes, tais como: texturas, tipos de botões e formatos das roupas. Porém, assume que para realizar determinadas coisas precisa de ajuda de outra pessoa. Ele complementa:

Rafael: *“A pessoa que enxerga, quando vai à loja comprar roupas, bate o olho nas novidades e escolhe o que é mais bonito ou mais atraente. O mesmo acontece no supermercado ou em um restaurante. O cego não. O cego depende de outras pessoas para apresentar as novidades e para falar sobre a aparência dos alimentos”*.

Sobre sua homossexualidade, lembra que foi com sete ou oito anos que percebeu pela primeira vez que sentia atração por meninos. Seus pais não conversavam sobre sexo, e ele teve de aprender sobre a própria sexualidade na escola e com amigos. Por outro lado, escutava, algumas vezes, brincadeiras negativas em relação a homossexuais entre alguns parentes. O protagonista da pesquisa afirmou que a descoberta de sua homossexualidade foi acompanhada por sentimentos de angústia e incerteza.

O narrador disse que não passou uma crise identitária significativa. Entretanto, em alguns momentos, dos 15 aos 20 anos, sentiu dúvidas se de fato era homossexual e tinha medo de as pessoas saberem sobre sua sexualidade e, conseqüentemente, aumentar a carga de preconceitos. Sua primeira relação sexual foi com uma mulher também com deficiência visual. Ficou casado com ela por dois anos, dos 18 aos 20 anos de idade. Mas, a vontade e o desejo de ficar com homens era mais forte. Sentia que faltava algo,

⁹ Sistema de leitura e escrita criado por Louis Braille na França em 1825. Fonte: LEMOS, Edison Ribeiro & CERQUEIRA, Jonir Bechara. O Sistema Braille no Brasil. In: *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, n. 2, MEC – Ministério da Educação, 1996.
Caderno Espaço Feminino | Uberlândia, MG | v.31 | n.2 | seer.ufu.br/index.php/neguem | jul./dez. 2018 | ISSN 1981-3082 217

que era incompleto, insatisfeito com a própria vida. Nessa fase, Rafael buscou conhecer outras pessoas iguais a ele; confessa que esse fato contribuiu para resolver os conflitos internos e externos e aceitar a si próprio como homossexual.

A sua esposa foi a primeira a conhecer a verdade. Rafael disse que ela ficou chocada, mas aceitou a realidade. Já sua família, que segundo ele não é conservadora, foi percebendo, aos poucos, pelas redes sociais, sendo avaliada tal situação como tranquila por seus parentes. Ele perdeu alguns amigos pelo simples fato de ser homossexual, inclusive pessoas com deficiência visual. Rafael foi morar sozinho e, segundo ele, essa fase foi muito importante porque se tornou mais responsável e, simultaneamente, assumiu sua sexualidade para as pessoas à sua volta.

O entrevistado relatou que sua primeira relação sexual com um homem foi quando ainda era casado. Diz que o momento de descoberta do corpo do outro homem foi estranho e excitante.

Rafael: *“Eu já tinha visto alguns meninos nus na minha infância, não vi muitos, mas não conhecia o corpo de outro homem adulto. Foi estranho e, ao mesmo tempo, mágico e excitante. Fiquei dois dias sem dormir direito. Foi muito bom conhecer o corpo dele aos poucos e saber como era o rosto dele. Não costumo sair por aí passando a mão nos rostos das pessoas, mas gosto de conhecer a fisionomia das pessoas com quem me relaciono. Ele foi a grande paixão da minha vida. Pena que não foi possível continuar. Ele não era assumido. Não tenho mais contato com ele”.*

O participante acrescentou que a sua deficiência visual tem efeitos nas relações sexuais.

Rafael: *“A falta da visão, em alguns momentos, gera uma frustração em relação ao sexo. Os videntes aprendem sobre sexo e posições sexuais através de imagens nos filmes eróticos e livros. Não quero dizer que preciso da visão para fazer sexo, mas ter visão faz a diferença. O cego perde muito. Muitos cegos não assumem isso. Já transei com cego e vidente. Eu aprendi muitas coisas com o vidente. Mas também sei usar minha criatividade e meu instinto*

*sexual. Queria muito ver o Kama Sutra. Deve ser muito legal e interessante*¹⁰.

Pesquisador: *“Quais as outras dificuldades em ser homossexual e ter deficiência visual em um mundo predominantemente visual?”*

Rafael: *“Paquerar é uma delas. Por exemplo, você que enxerga (pesquisador) quando está comendo em um restaurante pode paquerar outras pessoas à sua volta com o olhar, com uma piscadinha ou um sorriso. O cego não. O cego precisa utilizar mais o contato direto, toques, prestar atenção às falas das pessoas e usar mais a paquera diretamente na pessoa que interessa. [...] Outra dificuldade é encontrar pessoas. Geralmente utilizo aplicativos e redes sociais”.*

O protagonista da pesquisa disse que prefere homens comuns, em outras palavras, eles não precisam ser malhados ou lindos. Rafael busca outros valores e comportamentos em relacionamentos. Para ele, o importante é o abraço, o toque, o sentimento, o prazer de estar junto com outra pessoa. Complementa, ainda, que gosta de homens com uma voz masculina e grave e que demonstram preocupação com a própria saúde. Outra dificuldade encontrada por Rafael é o preconceito e o estigma.

Pesquisador: *“Quais os preconceitos vividos por você?”*

Rafael: *“Eu falava que era cego no início quando conhecia pessoas nos aplicativos e redes sociais. As pessoas me deixavam falando sozinho ou outras vezes inventavam desculpas para sair da sala de bate-papo. Um dia conheci um rapaz em um aplicativo (seu nome era Leonardo) e tive a ideia de não falar sobre minha cegueira. Conversamos durante alguns dias. Gostei muito do Leonardo e o convidei para vir a minha casa. Ele notou de cara que eu era cego. Eu perguntei se tinha algum problema. Leonardo respondeu que não conseguia imaginar se relacionando ou transando comigo porque eu era cego. Ele pensou se transasse comigo, seria o mesmo que se aproveitar de mim ou me fazer mal. Fiquei arrasado. Todas as minhas qualidades sumiram naquele momento”.*

¹⁰ O Kama Sutra é um antigo texto indiano que aborda o comportamento sexual humano. Foi escrito por Vatsiaiana entre 200 e 500 anos D.C. e ficou conhecido no mundo inteiro. Fonte: <http://relacoes.umcomo.com.br/articulo/o-que-e-o-kama-sutra-5741.html> Acesso em 05/06/2018.

O narrador destacou que já sofreu outros tipos de preconceitos no meio familiar, entre amigos e na escola: chacotas, brincadeiras de mau gosto e falas do tipo: *“Cego e gay que desgraça! Vai sofrer muito”, “Falta de vergonha até entre os deficientes”*. O preconceito é demonstrado tanto por heterossexuais como na comunidade de *gays* e de pessoas com deficiência visual.

Pesquisador: *“Quais as suas estratégias para lidar com os preconceitos?”*

Rafael: *“Ser deficiente visual é um desafio. Deus falou para mim: o desafio é grande, mas vai que você consegue. Busco mostrar às pessoas que posso fazer quase tudo e que não sou digno de pena. Tento mostrar a todos que sou normal, uma pessoa com muitas características, com qualidades e defeitos. Tento mostrar às pessoas que existem cegos de todos os tipos: bons ou maus, com ou sem caráter, prostituo, ladrão [...]. Não deixo de fazer as coisas. Viajo sozinho e pratico esportes. Não deixo de viver a vida. Ainda quero patinar nas ruas e no gelo. Ainda não tive essa oportunidade. Adoro sair de casa [...] Adoro conhecer pessoas. Continuo não falando que sou cego no primeiro contato, deixo a pessoa me conhecer quem eu sou para depois revelar minha deficiência visual. Já deu certo algumas vezes. Sou bom de lábia. Se um não quer, outros vão querer. Aprendi isso [...].”*

Pesquisador: *“Como você lida com o binarismo de gênero que classifica o sexo e o gênero em duas formas distintas, opostas e desconectadas do que é ser homem e mulher?”*

Rafael: *“Nunca liguei muito para essas normas. Faço o que quero. Uso as roupas que gosto. Se eu quiser usar uma calça vermelha ou transparente, eu uso. Não ligo para essas coisas. Não estou vendo mesmo as caras das pessoas. Risos. Respeito as minhas dificuldades e também minhas verdades. E espero que todos me respeitem do jeito que eu sou. Quando as pessoas me perguntam se faço sexo, respondo que a minha deficiência está nos meus olhos e não no meu corpo. Adoro sexo. Sei que ver dá muita vontade de pegar o corpo do outro, mas pegar é mais importante e gostoso [...]. Aprender a utilizar o tato é como aprender um instrumento musical. É um processo que precisa de dedicação, paciência e persistência. Você começa tocar as primeiras notas, aos poucos, e consegue desenvolver aquele sentido”*.

Pesquisador: *“Como você se vê e quais as suas outras identificações?”*

Rafael: *“Eu me identifico como homossexual, cego, homem, pessoa, carioca, brasileiro, massoterapeuta, espírita, filho, amigo, tricolor, praticante de esporte”.*

Para ele, a própria homossexualidade não é uma doença, desvio de caráter, algo influenciado, pecado ou opção. Na verdade, Rafael optou por respeitar e viver sua sexualidade socialmente. Outros aspectos foram investigados.

Pesquisador: *“Quais as memórias, histórias ou objetos você gostaria de expor em um museu sobre a sua vida? Quais as suas perspectivas em relação ao futuro? Quem é Rafael?”*

Rafael: *“Tenho poucas memórias visuais. Mas gostaria de colocar minha infância, meus brinquedos, o processo de quando saí de casa, quando comecei a trabalhar, o meu primeiro contato com um homem. Quero muito viajar, conhecer outros lugares, culturas, comidas e pessoas. Quero fazer as pessoas entenderem que sou de um jeito único. Nem certo ou errado. Rafael é um lutador, com muitos sonhos e desejos”.*

7. Considerações finais

Este artigo abordou a história de Rafael, um indivíduo cego e homossexual, por intermédio de suas memórias. Foi possível perceber que a vida de Rafael foi composta por momentos de alegrias, tristezas e desafios. Após um evento traumático, o surgimento da cegueira, ele teve de aceitar e se adaptar à nova vida e enfrentar os desafios antes nunca imaginados.

A partir da análise dos dados, constatamos que a construção de identidade homossexual em Rafael não ocorreu em estágios predeterminados, categóricos e de forma linear. Na verdade, esse processo foi individual, complexo, dinâmico, influenciado por outras identidades, composto por uma série de fatores interativos, como social, estigmas, preconceitos, discriminações, interesses, sentimentos, histórico, experiências de vida, subjetividades, resistência, poder e de acontecimentos importantes. São eles: a descoberta de sua sexualidade e a percepção de que era diferente de outros meninos; o surgimento da cegueira, situações de preconceito; conflitos

internos; a iniciação de suas experiências sexuais com o sexo oposto objetivando se enquadrar no padrão heteronormativo; o fato de morar sozinho; a aceitação de sua orientação sexual como algo natural; a revelação de sua homossexualidade aos familiares, amigos e colegas de trabalho; a descoberta que a sua homossexualidade pode ser vivida de outras formas; a criação de novas estratégias para sobreviver de forma harmoniosa em uma sociedade ainda preconceituosa.

Baseados nesses dados, podemos também concluir outros pontos a respeito da construção de identidade de Rafael. A deficiência visual não impediu ou restringiu a expressão de sua sexualidade. O que dificultou, em alguns momentos, a manifestação de sua orientação sexual foi o preconceito e a discriminação. Dessa forma, a sociedade ainda exerce um papel fundamental na exclusão de indivíduos que não se enquadram nos padrões legitimados. Além disso, Rafael vivencia o processo de construção de identidade homossexual de forma semelhante aos dos videntes. Contudo, ele experimenta esse processo identitário de forma mais complexa por dois motivos: 1º) Por sentir um duplo preconceito, por ser homossexual e cego e, conseqüentemente, interpretado como anormal, assexuado, desinteressante, incapaz, pouco atraente, infantil e outras designações; 2º) O processo identitário é experimentado por outros sentidos. Rafael desenvolveu a audição e o tato como sentidos principais para descobertas, vivências sexuais e amorosas. Elementos do tipo: beleza, corpos sarados, olhos verdes ou azuis, roupas de moda e símbolos não são significativos para Rafael. Para ele, sentimentos de amor e desejos eróticos são despertados, construídos e efetivados por outros sentidos. Rafael prioriza os sons, o toque, o abraço, o carinho e o afeto.

O arco-íris de Rafael tem muito mais do que sete cores. Ele encara a cegueira e a homossexualidade como características naturais de sua vida, entre outras. O participante mostrou se identificar como: gay, deficiente visual, pessoa, homem, carioca, brasileiro, massoterapeuta, espírita, filho, amigo, amante de viagens, músico, flautista, torcedor do fluminense e praticante de atividade física. Aqui, vemos que Rafael se definiu, primeiramente, como homossexual e cego. Esse fato pode ser explicado porque

Rafael vive em uma sociedade predominante heterossexual e preconceituosa. Isso contribui para que o sujeito da pesquisa perceba sua orientação sexual e deficiência como características primárias. Todavia, a deficiência visual e a homossexualidade não estão presentes de maneira predominante e generalizada na vida de Rafael. Por isso, ele não deve ser interpretado ou reduzido por essas duas características identitárias.

Apesar de abordar neste trabalho mais especificamente duas identidades (homossexualidade e deficiência visual), percebemos que Rafael é constituído por um conjunto de identidades. No entanto, a cegueira e a homossexualidade de Rafael tornam-se mais visíveis, e, geralmente, ele é rotulado por essas duas características, impedindo que Rafael seja conhecido por completo. Isso nos faz refletir sobre a sigla LGBT. Essa abreviação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros consiste em diferentes tipos de orientações sexuais e também é utilizada em nome de um movimento que luta pelos direitos sociais e, principalmente, contra a homofobia. Entretanto, essas letras privilegiam apenas algumas identidades, como apenas seres sexuados, deixando de lado outros aspectos identitários. É nesse ponto que mora o perigo. Esses rótulos também são utilizados por homofóbicos por meio de discursos, preconceitos e violência. Consideramos relevante destacar e mostrar à sociedade que os sujeitos inseridos na sigla LGBT são também mães, pais, filhos, irmãos, profissionais, religiosos, entre outras categorias identitárias.

O preconceito e a discriminação são também vivenciados por Rafael quando ele escuta piadas e recriminações de algumas pessoas. O entrevistado sofre um duplo preconceito, ou seja, por ser homossexual e pessoa com deficiência visual. E pior, sente esse preconceito dentro da comunidade de homossexuais e de cegos. Percebe-se que, dentro de minorias sociais, quem é vítima, também pode ser agressor.

Para viver a homossexualidade e a cegueira tranquilamente, Rafael utiliza algumas estratégias para lidar com os desafios em uma sociedade que ainda considera a homossexualidade anormal e a cegueira uma incapacidade digna de piedade. Como formas de resistência, na perspectiva de Foucault, identificamos a liberdade, a recusa ao ajustamento em uma sociedade

heteronormativa. Rafael desafiou abertamente o discurso sexual hegemônico ao assumir-se para o seu meio social. Assim, a identidade também pode ser usada como forma de resistência. Ele também não sente a necessidade de viver nos parâmetros do padrão hegemônico e procura não reproduzir as relações de gênero tradicionais. O protagonista da pesquisa mostra às pessoas, diariamente, de uma forma natural, que possui qualidades e defeitos, que é capaz de realizar muitas coisas e que tem direito de viver sua sexualidade com tranquilidade. Uma das estratégias utilizadas por ele, quando está conhecendo uma pessoa em aplicativos e redes sociais, é revelar no “momento certo” sua cegueira. Desse modo, Rafael consegue priorizar outras características e não apenas uma identidade específica.

Ademais, andando nas ruas com tantos obstáculos e barreiras, como veículos estacionados irregularmente, pavimentação irregular, buracos e bueiros abertos, excesso de barulho, lançado em situações em que a condição visual é predominante, Rafael é uma figura peculiar de resistência. Sua existência nos faz refletir. Rafael não está dentro da lógica oprimido versus opressor. Ele não é uma vítima de um sistema. Rafael é produtor de novas possibilidades de existência de forma criativa. Frente a essas considerações, concluímos que a identidade homossexual não possui um caráter essencial e que o grau de preconceito e discriminação varia de acordo com as experiências vividas por cada pessoa. E ainda, que a identidade é influenciada por outras identidades, multifacetada e polimorfa porque possui características variadas, peculiares e a capacidade de assumir diferentes formas.

Para finalizar, queremos registrar que este artigo buscou também colaborar para uma maior visibilidade de homossexuais com deficiência visual, diminuindo o estigma e o preconceito associados a essas pessoas no meio social. O fato de ser diferente marcou as memórias de Rafael. Ao dar voz a essa pessoa, por meio de suas lembranças, damos voz a um grupo que sofre na escuridão. Acreditamos no papel social da pesquisa como ferramenta transformadora da sociedade. Esta investigação comprova a importância de promover mais discussões sobre o tema identidade e sexualidade de uma forma mais ampla.

Referências

- AMARAL, L. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus editorial, 1998. p.11-30.
- BARBARAS, R. O Invisível da visão. In: NOVAES, A. (Org.) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: SENAC, 2005. P. 64-79.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *I Seminário Nacional de Saúde: Direitos Sexuais e Reprodutivos e Pessoas com Deficiência*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Direitos Sexuais e Reprodutivos na Integralidade da Atenção à Saúde de Pessoas com Deficiência*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual. Vol. 1, fascículos I – II – III (Série Atualidades Pedagógicas); Marilda Moraes Garcia Bruno, Maria Glória Batista da Mota, colaboração: Instituto Benjamin Constant, Brasília: Ministério da Educação, 2001.
- BRUNS, M. A. de T. *Sexualidade de Cegos*. Campinas, São Paulo: Átomo, 2008. (Coleção Sexualidade & Vida).
- _____. Deficiência visual e educação sexual: a trajetória dos preconceitos – ontem e hoje. *Revista Benjamin Constant*. Rio de Janeiro, ano. 6, n. 17, p. 24-30, dez. 2000.
- CASS, V. C. Homosexual identity formation: A theoretical model. *Journal of Homosexuality*. V. 4, New York, 1979. P. 219-235.
- COLEMAN, E. Developmental stages of the coming out process. *Journal of Homosexuality*. V. 7, 1982. P. 31-43.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FILGUEIRAS, A. et al. A avaliação do stress em crianças cegas por meio da Escala de Stress Infantil (ESI): diferenças de gênero e de faixas etárias. *Revista Benjamin Constant*. Rio de Janeiro, ano. 16, n. 46, p. 13-20, ago. 2010.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. P. 179-191.

FRANÇA, D. N. O. A sociedade e a sexualidade da pessoa cega: preconceito, curiosidade, indiferença ou falta de conhecimento? *Revista Latinoamericana de Bioética*. V. 13, N. 1, Ed. 24, 2013. P. 88-95.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDAR, J. Memória, Poder e Resistência. In: GONDAR, J.; BARRENECHEA, M. A. de. (Org.) *Memória e Espaço: Trilhas do Contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. P. 32-43.

HALL, S. *A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2010.

KASTRUP, V. Quando a visão não é o sentido maior: algumas questões políticas envolvendo cegos e videntes. In: LIMA, E. A.; NETO, J. L. F.; ARAGON, L. E. *Subjetividade Contemporânea. Desafios Teóricos e Metodológicos*. Editora CRV: Curitiba, Paraná, 2010. P. 95-113.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo com o toque: reflexões e sugestões para uma educação sexual adaptada ao portador de deficiência visual. *Revista Brasileira de Educação Especial*. V.1, n. 2, 1994. P. 31-37.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, 1990/1991. P. 149-158.

MARCON, K. J. *A (des) construção social da sexualidade de “pessoas com deficiência visual”*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2012.

NUNES, S. da S.; LOMÔNACO, J. F. B. Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. (ABRAPEE). V. 12, n. 1, jan/jun, 2008. P. 119-138.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, P. 200-212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, P. 3-15.

SACKS, O. W. Ver e não ver. In: *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. Tradução Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, L. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. *Revista Brasileira de Educação*. V.11, n. 33, Rio de Janeiro, 2006. P. 424-561.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. P. 73-102.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TROIDEN, R. Self, Self-Concept, Identity, and Homosexual Identity: Constructs in Need of Definition and Differentiation. *Journal of Homosexuality*. V. 10, New York, 1984. P. 97-109.

TÜRCKE, C. *Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação*. Tradução de Antonio Zuin. [et al.]. Campinas: Unicamp, 2010.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*; Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. P. 35-81.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. P. 7-72.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T. (Orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas na sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. P. 287-309.

Recebido em março de 2018.
Aprovado em novembro de 2018.